

## Comunidades quilombolas mantêm vivas suas tradições mesmo nos centros urbanos

\_\_\_\_\_ páginas 04 e 05



Celebrações e rituais africanos são mantidos pela comunidade quilombola dos Arturos, em Contagem

### PEQUENOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO

Você conhece?



\_\_\_\_\_ Confira na página 08

### Entrevista: arquiteta Celina Borges fala sobre patrimônio no contexto urbano contemporâneo

\_\_\_\_\_ páginas 06 e 07

### Jovens da comunidade de Alto Maranhão participam da restauração da Igreja de N. Sra. da Ajuda

\_\_\_\_\_ página 03



**Impresso  
Especial**

7397091256-DR/MG  
IEPHA/MG

...CORREIOS...

## Editorial

### Dia da consciência negra é um dos destaques da edição

Este número do Bem Informado apresenta uma página especial onde lançamos os nossos agradecimentos a todas as instituições que colaboraram na Jornada Mineira do Patrimônio Cultural, uma realização da Secretaria de Estado de Cultura, coordenada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Esperamos contar com todos na próxima edição em 2010.

A entrevista do mês é com a arquiteta Celina Borges Lemos, que nos fala de questões extremamente importantes nas políticas públicas, dentre outras, destacam-se a trajetória da expansão urbana de Belo Horizonte, cidade símbolo da modernidade em Minas Gerais, e dos desafios existentes entre preservação e desenvolvimento, ressaltando a necessidade de uma participação efetiva da sociedade no planejamento urbano, a fim de garantir uma desejável qualidade de vida aos cidadãos. A arquiteta também articula interessante ponto de vista quanto ao patrimônio histórico cultural na contemporaneidade, tomando como referência o Circuito Cultural Praça da Liberdade.

No mês em que se comemora o Dia da Consciência Negra - 20 de novembro -, uma importante matéria nos é apresentada: "Comunidades quilombolas, herança de um povo". Uma das questões analisadas é a necessidade do reconhecimento dessas comunidades, sendo que só em Minas Gerais estão localizadas mais de 450 delas.

O bem cultural tombado pelo Estado em destaque é a Capela do Senhor dos Passos, localizada no distrito de Córregos, município de Conceição do Mato Dentro, na região central de Minas Gerais. No parecer técnico para o tombamento, feito por Affonso Ávila, um dos fundadores do Iepha, a capela é caracterizada como "singela, porém harmônica e mesmo comovente".

Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior - analista de Gestão, Proteção e Restauro do Iepha - apresenta o texto "O historiador das religiões e o rosário: reflexões entre a história e o patrimônio cultural imaterial", conceituando sobre o que a história das religiões pode oferecer para uma melhor compreensão de um dos mais expressivos segmentos do patrimônio cultural mineiro: os bens imateriais ligados à religiosidade.

Finalizando, é importante que os municípios estejam atentos às mudanças promovidas pela nova legislação, Lei n.º 18.030/2009 - ICMS Patrimônio Cultural, que alterou prazos e determinou novos procedimentos, exigindo adequações tanto por parte do Iepha/MG quanto dos municípios: a nova data de entrega é 15 de fevereiro de 2010, e o Iepha está à disposição para qualquer esclarecimento que se faça necessário. Na edição de dezembro um artigo trará todas as questões relativas a essa nova deliberação.

Uma boa leitura.

Carlos Roberto Noronha  
Presidente

NOSSA MISSÃO É GARANTIR À SOCIEDADE A ACESSIBILIDADE E A FRUIÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL, POR MEIO DA PRESERVAÇÃO, VALORIZANDO E RESPEITANDO A DIVERSIDADE CULTURAL DE MINAS GERAIS.

## Peças desaparecidas



Os dois cálices foram furtados do Museu Regional do Sul de Minas, em Campanha, em 1994, junto com outras 26 peças, entre imagens, oratórios, alfaias etc. O cálice A é em metal (prata) cinzelado e mede 26,7 cm de altura e 12,2 cm de profundidade. O objeto apresenta faixa com motivos fitomorfos. O cálice B também é em metal (prata), martelado-cinzelado. Suas medidas são: 34,7 cm de altura e 19,5 cm de profundidade e o recipiente é dividido em gomos.

Informações pelo telefone (31) 3235-2800 ou pelo "faleconosco", no site do Iepha/MG.

## Expediente

### GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Governador: Aécio Neves  
Vice-governador: Antônio Augusto Anastasia

### SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Secretário: Paulo Brant  
Secretária adjunta: Sylvana Pessoa

### INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

Presidente: Carlos Roberto Noronha  
Vice-presidente: Maria Marta Martins de Araújo  
Chefe de Gabinete: Mariana Márcia Custódio  
Diretor de Conservação e Restauração: Renato César J. de Souza  
Diretora de Planejamento, Gestão e Finanças: Mônica S. Grosso Avelino  
Diretora de Proteção e Memória: Vera Chacham  
Diretor de Promoção: Carlos Henrique Rangel

### BEM INFORMADO - INFORMATIVO DO IEPHA/MG

Edição e textos: Beatriz Teixeira de Salles (MG 03802JP)  
Textos: Érika Santos (MG 012987JP), Ludymila Toledo (MG 11656JP) e Sandra Ribeiro Araújo (MG 4577)  
Diagramação: Ludymila Toledo  
Fotos: Izabel Chumbinho  
Impressão em papel Reciclado 90g/m² - Tiragem: 2.600 exemplares - Periodicidade: mensal  
Impressão e Acabamento: Rona Editora



Praça da Liberdade, s/nº - 4º andar | CEP: 30140-010 Belo Horizonte - MG  
Tel: 31 3235.2800 | Fax: 31 3235.2858 | www.iepha.mg.gov.br  
Envie sua sugestão para: jornal@iepha.mg.gov.br

## “Menino da janela” brilha em Alto Maranhão



Acervo IEPHA/MG

↑ Gilberto já planeja se profissionalizar em restauração

Ritmo intenso, com muita gente trabalhando a todo vapor, para a recuperação total da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda – no distrito de Alto Maranhão, em Congonhas do Campo –, comandada pelo Iepha/MG. A previsão é de que, no início de 2010, comecem os trabalhos de restauro do altar e, para isso, os trabalhos de recuperação do telhado e do forro decorativo da capela-mor devem ser concluídos ainda em dezembro.

Em fase final de acabamento, o forro formado atualmente por 24 painéis carregados de simbologia (leia mais na página 9) chama a atenção pela beleza do entalhe e a delicadeza da pintura recuperada. O trabalho, que requer a firmeza de um profissional com anos de experiência, saiu das mãos de um garoto franzino, que cursa o 3º ano do ensino médio, tem dificuldades em Física e Química, estuda à noite e trabalha durante o dia. Um jovem à primeira vista comum, Gilberto Mateus Trindade se revelou uma bela lição de vida.

Sua história no ateliê improvisado na sacristia da igreja começou em março. “Todos os dias, ele aparecia e ficava ali da janela observando o nosso trabalho”, lembra a restauradora Dulce Senra, que comanda a restauração do forro. Um dia, ela acabou por convidar o menino para trabalhar na equipe. A resposta assustou pelo peso das palavras “Não posso porque não existo”.

O que Gilberto dizia, na verdade, era que não tinha nenhum tipo de documento que lhe garantisse existência como cidadão. Ainda pequeno, sua mãe faleceu, o pai sumiu no mundo e o menino foi mandado para um orfanato. Conquistou o

carinho de um padre de Congonhas, que conseguiu uma família para abrigá-lo. Em pouco tempo, a experiência não deu certo, a família já era muito numerosa, e ele foi devolvido aos cuidados do padre. Em 2001, foi carinhosamente acolhido pelo pai Maria José e Toninho. A adoção, no entanto, nunca foi formalizada e, assim, Gilberto jamais teve qualquer registro ou documento.

Depois das duras palavras daquela manhã, a restauradora Dulce Senra e sua auxiliar, Marta Melo, abraçaram a causa e, com o apoio de um advogado, conseguiram legalizar toda a situação do menino, inclusive oficializando a adoção legal. Para comemorar, o jovem que não sabia ao certo nem quantos anos tinha, ganhou sua primeira festa de aniversário e se apresentou ao Exército. Hoje, Gilberto carrega – orgulhosíssimo – uma carteira com sua identidade, CPF, título de eleitor e a carteira de trabalho, tudo ainda bem novinho. Pôde então aceitar o convite e passou a integrar a equipe de restauração da Igreja.

“O Gilberto é ótimo. É interessado, dedicado e muito talentoso. É um menino especial, de um humor incrível. Para nós, foi uma coisa maravilhosa conseguirmos trazê-lo para a equipe. Além do nosso ganho com esse profissional super capaz, também é muito gratificante participarmos juntos desse passo, que é tão importante para ele”, conta Dulce.

Entre tantas novidades, Gilberto diz que jamais se esquecerá deste que é muito mais do que um simples primeiro emprego. “Tem sido uma oportunidade para aprender muito não só sobre história, cultura, arte, mas sobre a vida. A verdade é que ter documentos e ter um emprego é algo muito bom. Você se torna um cidadão com direitos e não mais um indigente. E o meu jeito de devolver isso é podendo reconstruir algo e dar às pessoas a chance de apreciarem o que quase se perdeu”.

### | Quarteto fantástico

Gilberto divide a mesa no ateliê com seus três melhores amigos, inseparáveis desde os dez anos de idade – colegas de trabalho durante o dia, e de escola à noite. Eles vieram, um a um, atraídos pela curiosidade e hoje restauram o forro que – há tantos anos desmontado – nunca chegaram a ver ornamentando a Igreja. O trabalho tão importante os tornou o orgulho de suas famílias e faz com que frequentemente sejam abordados por membros da comunidade, ansiosos por notícias do restauro.

Dulce lembra que, quando começaram, os garotos eram responsáveis apenas pelos serviços de consolidação, uma etapa relativamente simples. Mas eles foram muito além. Inovaram, criaram novas formas de consolidar as estruturas e atraíram a atenção de restauradores experientes. “Os quatro são muito afinados, são todos muito bons. Ganhamos nossa confiança e passamos a entregar a eles outras etapas da restauração, inclusive a reintegração, que normalmente só é feita por profissionais experientes, e novamente eles impressionaram.

Bruno é o conversador e Rafael é o mais quieto. Willian é o estudioso e Gilberto é o bagunceiro da turma. Além de trabalhar, estudar e passear juntos, os pequenos aprendizes de restauração fazem planos e sonhos para o futuro. Concluindo o ensino médio no próximo mês, todos os quatro planejam entrar logo em um curso técnico e continuar trabalhando na restauração de bens culturais.

# Comunidades quilombolas, herança de um povo

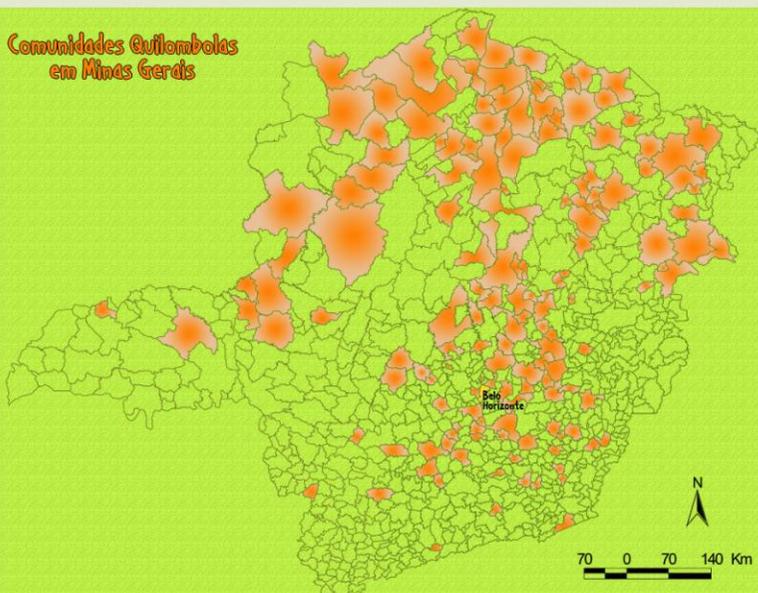
A escravidão foi a forma dominante de organização do trabalho no surgimento da sociedade mineira. O fluxo de migrantes e a grande riqueza mineral da região fizeram com que Minas Gerais se transformasse no centro do poder econômico do país durante o século XVIII.

Nos anos em que a mineração foi economicamente rendosa, foram empregados nas minas cerca de 500 mil negros. Entre 1700 e 1850, época do apogeu da mineração, 160 grupos de negros africanos de três regiões foram trazidos, a força, para Minas Gerais: os sudaneses, os bantus e os moçambiques. Nessa época, a população negra no estado nunca foi inferior a 30% da população total.

Devido ao excesso de trabalho e pelos castigos, muitos escravos se rebelavam, fugiam, se escondendo no mato e, quando o número de fugitivos era suficiente, formavam os quilombos. Em Minas, a formação dessas comunidades foi intensa: entre 1710 a 1798 chegavam a 120.

Ao contrário do que muitos pensam, os quilombos mineiros não se estabeleceram apenas em lugares ermos, distantes dos centros urbanos. Nas proximidades das vilas e cidades formaram-se numerosos pequenos quilombos. Essa proximidade facilitava a fuga de outros escravos.

Os quilombolas ou calhambolas, como eram chamados os negros fugitivos, sobreviviam vendendo seus produtos (cultivados, extraídos – no caso do minério – ou roubados) para comerciantes e fazendeiros que preferiam negociar como estratégia para que eles não atacassem suas propriedades.



Presença das comunidades no estado, mapeada pelo projeto Quilombos Gerais, da Cedefes, em maio de 2007



Luzia Sidôneo, ex-presidente da Associação Quilombola Luízes, mostra a certidão de auto-reconhecimento da comunidade

Atualmente o termo Comunidade Quilombola não se refere somente ao lugar onde negros fugitivos se estabeleciam, mas também a comunidades onde os negros libertos se uniam em torno de um elo familiar com tradições comuns.

“Quando da Lei Áurea, milhares de escravos foram libertos, mas não lhes foi dado o sustento nem terra para morar. Por isso muitos se juntaram em busca de sobrevivência, ocupando áreas despovoadas e terras abandonadas, formaram diversos quilombos, sejam eles urbanos ou rurais”, relata Tarcísio de Guadalupe, técnico da Gerência de Patrimônio Imaterial do Iepha.

Algumas terras também foram compradas pelos próprios negros, que tinham juntado dinheiro como “escravos de ganho”.

## | Seminário

No último mês, técnicos do Iepha participaram, junto com representantes de secretarias estaduais e municipais além de conselheiros e líderes de quilombos, do 2º Seminário Integrado de Políticas para Comunidades Quilombolas em Montes Claros.

Um dos assuntos discutidos foi a falta de reconhecimento das comunidades e de seu direito à terra onde vivem. “Pela Constituição Federal todos os quilombos são tombados, mas há uma grande dificuldade de identificá-los,” revela Tarcisio.

No início dos anos 2000, pouco se sabia sobre quantas eram, como viviam e onde se encontravam as comunidades quilombolas. Atualmente sabe-se que existem no Brasil mais de duas mil comunidades, sendo mais de 450 em Minas Gerais e duas em Belo Horizonte.



Divulgação



Divulgação

## | Comunidade dos Luízes

Localizada no bairro Grajaú, região Oeste da capital, a Comunidade dos Luízes conta com aproximadamente 100 pessoas. Sua formação começou com Ana Apolinária Lopes, escrava de um rico senhor, proprietário de muitas terras. Após se amasiar com o dono e dele ter nove filhos (todos com sobrenome Luiz), Ana teria recebido de herança um terreno no atual município de Nova Lima, equivalente a 62 hectares.

Até 1930 a comunidade se manteve nas terras doadas à matriarca, quando houve uma troca entre os quilombolas e uma empresa multinacional em busca de minério na região, que lhes ofereceu o atual terreno. Com a expansão da Capital, a comunidade foi perdendo seu espaço para a especulação imobiliária e, atualmente, sobrevive cercada de grandes condomínios e duas facultades. “Quando uma comunidade quilombola perde a terra, perde também a identidade como quilombola. Perde os cultos, as tradições, os espaços para as plantações. Ela perde o interesse em ser comunidade”, revela Luzia Sidônio, ex-presidente da Associação Quilombola Luízes.

## | Comunidade dos Arturos

Os Arturos formam uma comunidade remanescente de quilombo localizada em Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. São cerca de 400 descendentes de Arthur Camilo Silvério que, por ter nascido por volta de 1880, se beneficiou da Lei do Ventre Livre (que tornou libertos todos os negros nascidos após o ano de 1871).

O grupo habita uma propriedade particular, com cerca de 6.500 hectares, adquirida ainda em 1888 pelos pais de Arthur, Camilo Silvério da Silva e Felisbina Rita Cândida. Os Arturos se orgulham da religiosidade, união e tradição transmitida de pai para filho.

### Referências:

- RAMOS, Donald. “O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais do século XVIII”. In: *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SILVA, Djalma Antônio da. *O passeio dos quilombolas e a formação do quilombo urbano*. Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2005.
- SANTOS, Maria Elisabete Gontijo dos. *Comunidades quilombolas de Minas Gerais no século XXI: história e resistência*. Belo Horizonte: Autêntica/CEDEFES, 2008.

## Consciência Negra

O Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, foi instituído no Brasil, por lei, em janeiro de 2003, que também tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. A data foi escolhida por ser a da morte de Zumbi dos Palmares, em 1695, após ser denunciado por um companheiro e capturado pelos portugueses. O dia também registrou o fim do Quilombo dos Palmares, o maior do país, situado em Alagoas.



## Políticas de patrimônio e leis de uso e ocupação do solo devem conviver em harmonia



Foto: Eber Fatioli

A arquiteta Celina Borges Lemos é exímia conhecedora dos meandros urbanísticos das Minas Gerais, desde os tempos coloniais até os dias de hoje. Professora-doutora do Departamento de Análise Crítica e Histórica da Arquitetura e do Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais e conselheira pela Sociedade Civil do Conep (Conselho Estadual do Patrimônio Cultural), nesta entrevista ela faz uma breve radiografia do desenvolvimento da capital mineira e fala sobre os desafios de preservação do patrimônio nos tempos atuais.

**BH foi uma cidade planejada. Porém, seu crescimento desordenado e em velocidade vertiginosa transformou-a num pequeno exemplo do caos urbano. Neste contexto, qual a receita para a convivência harmônica entre passado e modernidade?**

Belo Horizonte, como ocorre com outras metrópoles contemporâneas, registra uma expansão urbana significativa, dinamizada por um desenvolvimento urbano verificado desde a década de 1930. Este é o período em que a Capital apresentou um primeiro crescimento relevante, definindo a consolidação das zonas urbana, suburbana e rural, planejadas pela Comissão Construtora da Capital. A partir daí, houve uma expansão descontínua impulsionada pela economia industrial e dos serviços, que fortaleceu o início de um processo migratório e determinou uma primeira consolidação urbana.

Foi a partir do governo municipal de JK que a ocupação espacial, condicionada por um crescimento social e econômico mais dinâmico, gerou uma urbanização diferenciada da anterior. Ao mesmo tempo em que os vetores de expansão Oeste e Norte definiam novas territorialidades, o Centro Comercial, hoje Hipercentro, recebia um plano de renovação, gerando, entre outros fatores, o início de um processo de verticalização. A importância da verticalização urbana chamou a atenção de JK, que se preocupou em revalorizar a monumentalidade das ruas planejadas por Aarão Reis. As vias foram remodeladas e novas articulações centro/periferia foram estabelecidas. Durante sua gestão, a busca pela modernização culminou na implantação da Pampulha, a criação da Cidade Jardim e a conclusão da construção do primeiro terminal aeroportuário, o Aeroporto da Pampulha.

Entre os anos 60 e 70, o município passou a apresentar um incremento econômico que lhe atribuiu a condição de principal núcleo dinâmico do Estado. A política de diversificação industrial na região metropolitana, institucionalizada em 1973, ampliou a rede do setor de serviços, definindo um novo perfil social e econômico. Se no âmbito urbanístico a cidade, enquanto espaço planejado e dotado de áreas de modernidade, já apresentava uma originalidade, o seu aspecto econômico alcançou, nos anos 80, essa

característica. Mesmo diante da crise da economia brasileira nessas décadas, o município, especialmente o Centro e a Área Central, apresentaram um desenvolvimento expressivo do setor terciário, que atribuiu-lhe o status de primazia nas atividades de prestação de serviços, como escritório, negócios financeiros e setor residencial.

O primeiro sinal de dinamismo econômico da região metropolitana pôde ser aferido pelo aumento populacional ocorrido entre 1980 e 1991, característica que propiciou, entre outros fatores, o crescimento do nível de consumo dos serviços de comércio. Outro fator relevante foi o incremento do índice de construções verticalizadas, principalmente edifícios para fins não residenciais. A capital, apesar das dificuldades enfrentadas ao longo dos anos, encontrou um perfil mais sintonizado com o dos principais centros urbanos internacionais. Belo Horizonte expulsa a grande indústria para a periferia, abrindo portas para uma vasta gama de atividades econômicas “livres”, compatíveis com sua condição de metrópole com escassez de espaço localizado.

Ultrapassando suas delimitações enquanto unidade político-administrativa, a Capital define uma ampliação e diversificação — mesmo que fragmentada — da rede de lugares centrais. Neste sentido, o caos urbano dificilmente desaparecerá, visto que é resultante de uma ineficiência do planejamento urbano e de tudo que envolve esta ação, tendo como pontos principais a dificuldade da mobilidade social, o déficit educacional, a parcial participação dos habitantes e a atual condição territorial e demográfica do município. Esse hoje conforma uma rede de cidades, o que indica que a sua condição administrativa não consegue planejar e atender todas as transformações que surgem a cada instante.

**Em um artigo, você citou a observação do antropólogo Lévi-Strauss, recém-falecido, que dizia: “Enquanto a passagem dos séculos representa uma promoção para as cidades européias, no chamado Mundo Novo, a passagem dos anos representa degradação”. Qual seria a solução para esta tendência?**

Para Lévi-Strauss, a cidade é primeiramente um espaço, talvez indiferenciado antes que homens o ocupem; mas a maneira como, ao longo dos séculos ou dos anos, eles escolhem se distribuir nesse espaço, a maneira como as diversas formas de atividade política, social, econômica se inscrevem no terreno, nada disso se faz ao acaso. No caso do chamado Novo Mundo, ele busca inicialmente comparar superficialmente algumas cidades dos Estados Unidos com as características das brasileiras verificadas ao longo da sua estada aqui nos anos 30 do século XX.

No entanto, quando o grande mestre antropólogo percorre o vasto território do sertão na região de Goiás, se depara com a implantação da nova capital Goiânia numa vastidão territorial e um profundo e sedutor horizonte que o leva a aprofundar suas reflexões sobre o significado da implantação de cidades no Novo Mundo.

O antropólogo se deparou com um projeto desenvolvimentista de cidade planejada que representava novas técnicas e maneiras de entender a modernidade à brasileira daquela época, pautada pela experiência da barbárie. Neste contexto, Goiânia nada mais era naquele momento do que um processo recorrente de construções de cidades que pudessem representar o progresso e a ideologia republicana em nome de desenvolvimentos regionais.

Lévi-Strauss nesse sentido mostra a propriedade de se estabelecer de maneira determinista e ideologicamente conservadora metas para o crescimento socioeconômico veiculadas em termos simbólicos através de paisagens urbanas dotadas de inovações estéticas e funcionais. Com o passar do tempo, essas implantações realizadas de acordo com as suas palavras “do dia para a noite” culminaram em novas dinâmicas econômicas para essas regiões. No entanto, tais conquistas condicionaram e dificultaram nas primeiras décadas a identificação por parte dos habitantes com aquela paisagem.

Esses espaços poderiam ser criados em condições que houvesse a certeza da participação dos futuros moradores articulados com os gestores e empreendedores da cidade. Em outras situações, onde não há essa convivência tripartite, as implantações inesperadas e gestálticas e com a ausência da participação cidadã sempre vão comprometer a qualidade, a vivência e o vivido do cotidiano.

### **Belo Horizonte tem o modernismo de Niemeyer, Ouro Preto tem toda aquela riqueza barroca. De que forma isso define a vida em nosso Estado?**

De uma maneira geral o conceito de paisagem tem sido usado de distintas maneiras e com diferentes significados. Tal fato se explica uma vez que a paisagem envolve uma percepção sensorial e está sujeita a múltiplas interpretações pelos matizes disciplinares correspondentes. Em se tratando de Minas Gerais, a paisagem reúne as dimensões estética, cultural, entre outros aspectos, que são instituídas diversificadamente no território.

A dimensão estética viabilizada pela riqueza e originalidade da topografia, que no caso mineiro é expressiva, pode ser considerada mais primitiva e intuitiva. No caso da paisagem cultural o próprio indivíduo atua como agente modificador e modelador do ambiente natural. Neste processo, as paisagens culturais de geração em geração são testemunhas da história e conformam a mimética coletiva dos lugares. Como se pode observar, as Minas Gerais se constituem por excelência em ocupações dotadas dessas singularidades, tendo em vista principalmente a riqueza e disposição das suas qualidades físicas e a originalidade do seu processo de ocupação.

Como lembra Suzy de Mello, a evolução de Vila Rica deu-se de acordo com a “urbanização das vilas do ouro, não só por se localizar em área de topografia particularmente acidentada – típica, aliás, dos grandes depósitos auríferos – como por ter sido resultante da integração dos diversos arraiais que, dispostos linearmente, foram se agrupando de forma espontânea para se consolidar no povoado”.

Neste contexto, a paisagem mineira nasce dessa rica conjunção de

territórios diferenciados e simultaneamente qualificados culturalmente por essas riquezas e qualidades da paisagem. Esta tem o seu diálogo de grande relevância no século XX com a construção do Complexo Turístico da Pampulha. Resultado e consolidação de uma busca por identidade regional mineira moderna, na época, a Pampulha registrou um diálogo artístico e paisagístico com o passado colonial através de vários artistas, especialmente do arquiteto Oscar Niemeyer e do paisagista Burle Marx.

### **A visão da necessidade de proteção ao patrimônio cultural parece estar ficando mais clara nos últimos anos. Como você vê as políticas de preservação atuais?**

Acho que essa afirmação é correta, visto que os setores institucionalizados voltados para a preservação conquistaram nas últimas décadas do século XX várias formas de participação da sociedade. Ao mesmo tempo tem-se que a cada momento o processo de demolição e desqualificação das diferenças identitárias cidadinas amplia-se, o que contribui para um desmoronamento definitivo do passado desses sítios. Curiosamente, nos últimos tempos a população em geral tem-se manifestado favoravelmente à preservação do patrimônio, principalmente quando entende que os mesmos são identificados como lugares de contemplação e fruição. Haja vista as pesquisas realizadas no âmbito quantitativo e qualitativo sobre a conservação dos palacetes da Praça da Liberdade em centros de cultura e experiência artística.

Vários bairros belo-horizontinos e municípios mineiros manifestaram uma opinião objetiva sobre esta possibilidade, visto que ela poderia possibilitar livre acesso a esses lugares mágicos que remontam à construção de Belo Horizonte. Nas respostas qualitativas pude ter contato com afirmações que diziam das chances que esses edifícios criariam para a visitação, a exibição dos mesmos para os amigos de outros lugares e a chance de conquistar novos conhecimentos que poderiam ampliar seus saberes em torno de bens simbólicos tão singulares. Além disso, pode-se pensar também neste milênio na possibilidade efetiva de integração das políticas de patrimônio às legislações de uso e ocupação do solo urbano, o que poderá evitar inúmeros conflitos e jogos de interesse que têm prejudicado de maneira significativa os trabalhos e ações nesta área.

### **Falando em Circuito Cultural Praça da Liberdade, qual sua opinião sobre essa proposta que propõe a fruição daqueles bens pela população, fortalecendo sua significação social?**

Penso que essa conquista de qualificar o patrimônio com a dimensão sociocultural amplia e lhe atribui uma maior identificação por parte da sociedade, ao mesmo tempo em que possibilita uma conquista de cidadania. Além disso, a perspectiva social acrescenta às políticas de preservação um aspecto especial, pois incorpora, sempre que possível, a participação e a colaboração dos usuários e habitantes da cidade.

A condição de metrópole contemporânea exige que a Belo Horizonte atual responda às demandas do seu tempo. A implantação do Circuito procura imprimir a idéia de se ampliar os espaços voltados para a valorização dos bens simbólicos, das tradições culturais e o entretenimento. Essa ação representa um passo definitivo para que a capital consolide sua integração nos processos engendrados pela produção e divulgação artística e cultural, ultrapassando as fronteiras mineiras.

Tomando-se o intercâmbio como a relação socioeconômica e cultural relevante para a cidade do novo milênio, transformações e renovações no espaço urbano fazem-se necessárias. A proposta do Circuito é facilitar e estimular o acesso, a fruição e a efetiva participação do público nesses locais pouco conhecidos pelos habitantes. Além do mais, sua criação vem ao encontro de um novo tempo para a Praça – o tempo em estado puro –, com a “construção” de um lugar simbólico da história, do *modus vivendi* e da competência criativa do povo mineiro.



## PEQUENOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO

**O** detalhe desta edição faz parte do retábulo da capela-mor da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, localizada na Praça João Pinheiro, município de Caeté, na região central de Minas Gerais.

De excepcional beleza, o retábulo apresenta características do estilo Dom João V: colunas salomônicas decoradas com guirlandas de flores, anjos e querubins, e um resplendor onde aparecem as figuras de Deus e do Espírito Santo. A decoração da igreja destaca-se pela riqueza e nobreza de seus elementos ornamentais em talha e pintura executada pelo artista José Coelho de Noronha.

A planta da Igreja é atribuída a Manoel Francisco Lisboa, pai de Aleijadinho. Este teria participado da construção e decoração como aprendiz, sendo que alguns anjos da decoração são atribuídos a ele. A data de início da construção é 1757 e da conclusão, 1765.



## BLOCO DE NOTAS

### | Devolução de peças

Já estão de volta à Bahia dois tocheiros do início do século XVIII que haviam desaparecido em 2003 da Igreja de Santo Antônio da Mouraria, em Salvador. As peças - recuperadas graças a uma ação conjunta entre Iepha/MG, Iphan, Ministério Público Estadual, Secretaria de Estado de Fazenda (SEF) e Polícias Civil e Militar - foram devolvidas ao Iphan/BA no dia 22 de outubro, em Belo Horizonte.

Os tocheiros, com anjos esculpidos em madeira, foram apreendidos em poder de um colecionador de Belo Horizonte durante a Operação Pau Oco 2, em julho de 2008. Durante a operação, antiquários e residências foram visitados pelas equipes conjuntas na capital e em algumas cidades históricas mineiras. Os tocheiros foram reconhecidos graças a uma ficha de inventário feita pela Superintendência do Iphan da Bahia em 1998. As peças foram entregues ao chefe de gabinete do órgão, Mateus Morbeck, para serem devolvidas ao templo de origem.



Alex Lanza - MPMG

### | Capela restaurada

Foi reaberta com missa especial no dia 6 deste mês a Capela de Santana, localizada nos jardins do Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte. O templo modernista projetado por Gilson de Paula acaba de passar por um trabalho de restauração (o primeiro desde sua construção em 1958) realizado sob coordenação do Iepha.

Além da recuperação estrutural, a igreja ganhou novo forro em gesso e novas instalações hidráulicas e elétricas. De ornamentação sóbria, a capela ganha brilho com a restauração de alguns de seus destaques, como o púlpito trabalhado em bronze, a imagem de Santana e a pia batismal em madeira. Os revestimentos em lambri de madeira e os pisos de mármore também foram recuperados e um novo projeto luminotécnico foi concebido de forma a valorizar todo o conjunto.

A obra foi realizada em cinco meses, totalmente financiada por verbas da Lei Estadual de Incentivo à Cultura e fez parte do projeto de revitalização arquitetônica e paisagística da área de entorno do Palácio da Liberdade - que também passou por restauração entre 2003 e 2006.

### | ICMS Cultural

Termina no final deste mês o prazo para quem quer recorrer da pontuação provisória atribuída pelo Iepha para o ICMS Patrimônio Cultural exercício 2010. Não há uma data final única, uma vez que o prazo de 30 dias após a divulgação do resultado é contado a partir da data de recebimento do ofício por cada município. Os pontos também estão disponíveis para consulta no site do Iepha. A pontuação final deve ser divulgada em dezembro.

Um total de 692 cidades enviou a documentação, o que representa um aumento de 11% em relação ao último ano (quando 622 municípios participaram). Com os novos números, a adesão foi de 81% do total de 853 municípios mineiros.

Para o próximo ano, entram em vigor algumas mudanças para a distribuição do ICMS Cultural, aprovadas pelo Conep em junho. Dentre elas, a alteração do prazo de envio de toda a documentação para análise no Iepha, que passa de 15/4 para 15/1. A divulgação da pontuação provisória passa de outubro para junho e o resultado final, que tradicionalmente é divulgado em dezembro, passa a sair até o dia 20/7.

## Ora pro nobis: uma ladainha pintada na casa da Virgem



Imagens usadas nos cultos religiosos revelam dados importantes sobre a comunidade que a elas recorre. É o caso da sociedade mineradora que, em suas igrejas, expressou-se por um complexo sistema simbólico. Cada templo, da fachada ao interior, funciona como o capítulo de um grande livro, para quem se dispõe a lê-lo e a interpretá-lo.

Este artigo procura acercar-se do significado das imagens do forro da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, do distrito de Alto Maranhão, em Congonhas do Campo, em fase final de restauração pelo Iepha. Fruto de um competente trabalho de recuperação, o conjunto de painéis revela sua inspiração musical, consistindo num hino de louvor a Maria, por meio de uma ladainha, ou litania (do grego *litaneuein*, significando pedir insistentemente).

A ilustração da ladainha que se vê em Alto Maranhão refere-se à litania lauretana ou litania da Beata Virgem Maria, oração que desde o século XVI é cantada na Santa Casa de Loreto, na Itália. Seria essa a própria casa em Nazaré, onde o arcanjo Gabriel anunciou a Virgem ter sido escolhida para mãe do Messias. Para poupá-la da destruição, Deus teria ordenado que anjos transportassem a construção pelos ares à Dalmácia e, dali, para um bosque em Loreto, terminando por fixá-la numa estrada onde permanece, protegida por uma igreja construída ao seu redor.

Oração favorita daquele santuário, a litania lauretana difundiu-se pelo mundo católico, invocando a Virgem a partir de títulos que têm origem em devoções particulares da Igreja e em antigas tradições bíblicas, aos quais os fiéis respondem "orai por nós" ou "tem piedade de nós".

No século XVIII, o artista alemão Josef Sebastian Klauber ilustrou, em um conjunto de gravuras, cada representação desses epítetos marianos. Essa série inspirou outros pintores nas representações da litania, como a que vem sendo restaurada na capela de Alto Maranhão.

A ladainha segue uma estrutura de seis grandes grupos de invocações. Na primeira parte invoca-se a santidade de Maria. A segunda refere-se à sua maternidade, e a terceira à virgindade. Seguem-se invocações referindo-se à Mãe divina como virtuosa e redentora da humanidade. A quinta parte a invoca como intercessora nas obras de misericórdia e, finalmente, é exaltada como Rainha.

O programa iconográfico do forro da capela-mor da igreja de Alto Maranhão apresenta 25 quadros, organizados em um forro artesão de caixotões montados em gamela, com cinco fileiras de cinco quadros cada uma. São 25 estampas, contando um quadro cuja representação se perdeu.

Para se ler essa ladainha, é preciso certa familiaridade com os conteúdos simbólicos. Nossa cultura se fechou para parte desse simbolismo, e o que poderia ser evidente em outras épocas ficou obscurecido pelo espírito prático da nossa vida. Pode-se imaginar, contudo, a espontaneidade que a comunidade original de Alto Maranhão demonstrava, detendo seus olhos nesse ou naquele quadro, pedindo consolo, proteção ou apenas meditando em um exemplo de pureza.

No conjunto de Alto Maranhão, é o grupo das 13 invocações com figuras simbólicas que oferece maiores desafios de compreensão: Espelho de Justiça, Sede da Sabedoria, Causa de Nossa Alegria, Vaso Espiritual, Vaso Honorífico, Vaso Insigne de Devoção, Rosa Mística, Torre de Davi, Torre de Marfim, Casa de Ouro, Arca da Aliança, Porta do Céu e Estrela da Manhã.

Por que Nossa Senhora é chamada Estrela da Manhã? A estrela da manhã - ou estrela d'alva - é o planeta Vênus e sua aparição anuncia as primeiras luzes do sol. É hora de iniciarmos a jornada, de os barcos partirem. Essa "stella matutina", "stella marina", "lux matutina" ou "stella maris" foi figura usada por São Bernardo para sugerir que a Virgem anuncia a chegada do sol de justiça, que é Jesus. Fica então o convite aos que quiserem saber mais, que penetrem na leitura destes preciosos quadros das invocações lauretanas de Alto Maranhão. Bem-vindos à casa da Virgem!

### Para saber mais:

Basadonna, G. & Santarelli, G. *Ladainhas de Nossa Senhora*. São Paulo, Edições Loyola, 2000.

Damino, André. *Na escola de Maria*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1962.

The Mary Page: <http://campus.udayton.edu/mary//prayers/litanylor.html>

\* FONTE: Professor Renato César J de Souza - Diretor de Conservação e Restauração do Iepha/MG

# O historiador das religiões e o rosário: reflexões entre a história e o patrimônio cultural imaterial

\*Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior

Nesse momento em que urge discutir as maneiras de lidar com o chamado patrimônio cultural imaterial, uma das grandes questões toca na contribuição que a história é capaz de ofertar para essa reflexão. O romeno Mircea Eliade disse, certa vez, que a grande contribuição do historiador dedicado às religiões é sua capacidade de compreender um dado contexto social a partir de suas correntes culturais, e assim buscar compreender a trama do viver de determinado conjunto de homens. Ora, grande parte desta vasta e ainda pouco explorada seara compreendida pelos patrimônios intangíveis tem relacionamento íntimo com o campo das religiosidades, principalmente no caso das Minas Gerais. Logo, é deveras interessante que se recorra aos préstimos que a história das religiões pode oferecer.



presente oferecido aos hóspedes ilustres. Também se fez marcante na fé islâmica, sendo esse o possível ponto de contato entre os cristãos e o rosário.

Seja no cristianismo, no islamismo ou no budismo, o princípio de atuação do rosário é semelhante: trata-se de uma forma de repetição de fórmulas sacras, como o mantra tibetano, incitando a uma forma de fé mais individual e contemplativa. A repetição das palavras sagradas do rosário se fundamenta na ideia de que as palavras possuem um natureza dupla, e que, por meio de seu caráter secreto, aquele que ora pode se conectar com a deidade que recebe a oração. A prece é como o cordão que une as contas do rosário, liga a todas as

coisas e as conecta com a deidade.

Esse ramo da pesquisa histórica trabalha principalmente com a perspectiva comparada, ou seja, busca construir conhecimento por meio da comparação entre contextos religiosos diversos. Um bom exemplo das possibilidades da aplicação deste método nos trabalhos referentes ao patrimônio imaterial é a relação entre os negros e Nossa Senhora do Rosário. Um das maneiras de se pensar essa relação toca no próprio rosário. Anterior ao cristianismo, o rosário já era presente no budismo, que nomeou tal objeto como Mala, seja como instrumento de fé ou como

coisas e as conecta com a deidade.

Na África também havia rosários. Os yoruba cultuavam um orixá que portava consigo um rosário feito de caroços de manga unidos por um fio metálico. De fato, o opelê de Ifá, orixá yoruba, projetado em Nossa Senhora do Rosário pode ter funcionado como uma forma de aproximar a religião que vinha dos brancos com os mitos criacionais dos negros. A presença quase universal dos rosários reforça tal hipótese porque apresenta a idéia de que o rosário - e tudo que ele representa - pode ser

compreendido como uma forma elementar às manifestações religiosas, o que possibilita uma relação mais imediata entre crenças aparentemente distintas, como a dos negros e a dos brancos.

A partir desse breve esforço, apresentaram-se algumas das possibilidades que a história das religiões pode oferecer ao trato com esse melindroso e fascinante objeto que é o patrimônio imaterial.



\*Historiador das Religiões, analista de Gestão, Proteção e Restauo do Iepha-MG

## Capela do Senhor dos Passos , em Córregos

**T**ombada pelo Iepha/MG desde 1985, a Capela do Senhor dos Passos é uma construção singela, localizada no distrito de Córregos, município de Conceição do Mato Dentro, na região central de Minas Gerais.

Sem documentação que comprove a data de sua construção, a capela apresenta características construtivas e tipológicas que remetem à primeira metade do século XVIII. Provavelmente, foi erigida para depósito e encomendação dos mortos.

A construção, estruturada em adobe com cunhais de madeira, apresenta a fachada principal com uma única torre central, duas janelas ladeando o pequeno óculo de madeira em desenho caprichoso, e porta almofadada. A planta é composta por nave e corredores laterais, com a particularidade de possuir algumas paredes de dentro revestidas à meia altura. O seu interior desprovido de forro deixa o telhado aparente.

A capela – situada em posição privilegiada, no ponto mais alto de uma colina do distrito de Córregos – é cercada por muros, a meia altura, de pedras irregulares, tendo amplo adro fronteiro utilizado como cemitério do local, no qual se encontra um rústico cruzeiro. Aos pés dessa colina, em meio ao vale, encontra-se o casario revelando um conjunto de características harmoniosas com a tipicidade colonial, produzindo uma ambiência paisagística particular, com efeitos de perspectiva ao longo dos caminhos e espaços da localidade.

Em 1981, o pesquisador e um dos fundadores do Iepha, Affonso Ávila, elaborou um parecer técnico pelo tombamento da Capela, em que a classifica como um dos mais interessantes monumentos da região. No documento, afirma:

*“Nosso já prolongado convívio com o diversificado acervo histórico-arquitetônico de Minas Gerais tem nos ensinado a lição de que nem sempre o vulto de um monumento representa um índice de valor e expressividade em termos de arquitetura religiosa. Dezenas de pequenas capelas, disseminadas por várias regiões do interior mineiro, traduzem a nosso ver, pela singularidade construtiva ou de implantação no sítio, maior beleza de concepção e realização arquitetônica do que a que possa transparecer em muitas igrejas matrizes de grande porte. Está neste caso a singela, porém harmônica e mesmo comovente, Capela do Senhor dos Passos, do distrito de Córregos, no município de Conceição do Mato Dentro.”*

O distrito de Córregos é o mais antigo povoado de Conceição do Mato Dentro, um município que, como a maioria dos antigos núcleos coloniais mineiros, nasceu e se desenvolveu em torno da extração do ouro. Desde o período colonial e ao longo da história, ficou como legado um acervo em arte e arquitetura religiosas que, ainda hoje, está entre os mais valiosos e importantes do Estado.



Arquivo IEPHA/MG

\*Referências: Processo de Tombamento do IEPHA/MG - Distrito de Córregos, Município de Conceição do Mato Dentro – Capela do Senhor dos Passos.

# Jornada Mineira do Patrimônio Cultural

Olepha/MG agradece às prefeituras e instituições culturais parceiras na primeira edição da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural. Com certeza, deve-se a elas, o sucesso alcançado.

**Prefeituras Municipais:** Acaiaca • Açucena • Água Comprida • Aguanil • Águas Formosas • Aimorés • Aiuruoca • Sec. de Cultura Além Paraíba • Além Paraíba • Sec. Mun. de Cultura de Alfenas • Alfenas • Alfredo Vasconcelos • Almenara • Alpinópolis • Sec. Mun. de Cultura Alto Jequitibá • Alto Rio Doce • Andrelândia • Antônio Carlos • Antônio Prado de Minas • Araçuaí • Araçuaí • Araponga • Araporã • Araújos • Araxá • Arceburgo • Arcos • Argirita • Baependi • Baldim • Bambuí • Bandeira do Sul • Barão de Cocais • Bela Vista de Minas • Belo Horizonte • Belo Oriente • Berizal • Bias Fortes • Bicas • Boa Esperança • Bom Despacho • Bom Jesus do Amparo • Bonfim • Bonfinópolis de Minas • Bonito de Minas • Botumirim • Brás Pires • Brasilândia de Minas • Braúnas • Brumadinho • Bueno Brandão • Buritizinho • Buritizero • Cabeceira Grande • Cabo Verde • Caetanópolis • Caiana • Cambuí • Campanário • Campanha • Campo Azul • Campo Belo • Campos Altos • Campos Gerais • Canaã • Canápolis • Candeias • Cantagalo • Cons. Patr. Hist. e Cult. de Capela Nova • Capelinha • Capim Branco • Capinópolis • Capitão Andrade • Caputira • Carangola • Caratinga • Carbonita • Careaçú • Carmésia • Carmo de Minas • Carmo do Cajuru • Sec. Mun. de Cultura (Carmo do Paraiba) • Carrancas • Carvalhópolis • Casa Grande • Cascalho Rico • Cataguases • Catas Altas • Catas Altas da Noruega • Catuti • Caxambu • Chácara • Chapada Gaúcha • Cipotânea • Cláudio • Coimbra • Coluna • Conceição da Aparecida • Conceição do Mato Dentro • Conceição do Pará • Conceição do Rio Verde • Confins • Congonhas • Congonhas do Norte • Conselheiro Pena • Contagem • Coqueiral • Cordisburgo • Coronel Fabriciano • Coronel Murta • Coronel Pacheco • Coronel Xavier Chaves • Córrego Danta • Córrego Fundo • Depto. de Cultura Córrego Novo • Cristais • Cristiano Ottoni • Cristina • Crucilândia • Cruzília • Cuparaque • Curral de Dentro • Curvelo • Datas • Delfim Moreira • Descoberto • Desterro de Entre Rios • Desterro do Melo • Sec. Mun. de Cultura e Patr. Diamantina • Diogo de Vasconcelos • Divinésia • Divino • Divinópolis • Divinópolis • Divisópolis • Dom Silvério • Dona Euzébia • Dores de Guanhanes • Doresópolis • Elói Mendes • Sec. Mun. de Cult. de Engenheiro Caldas • Entre Rios de Minas • Ervália • Esmeraldas • Espera Feliz • Espinosa • Espírito Santo do Dourado • Estrela Dalva • Sec. Mun. de Cultura de Felício dos Santos • Felixlândia • Ferros • Florestal • Formiga • Formoso • Fortaleza de Minas • Fortuna de Minas • Francisco Badaró • Francisco Dumont • Frei Inocêncio • Frei Lagonegro • Fronteira • Fronteira dos Vales • Sec. Cult. de Frutal • Glaucilândia • Goianá • Gonzaga • Gouveia • Grão Mogol • Sec. da Cultura de Grupiara • Guanhanes • Guapé • Guaranésia • Guarani • Guimarânia • Guiricema • Gurinhata • Ibiá • Ibiá • Ibiraci • Ibirité • Ibituruna • Icarai de Minas • Igarapé • Igaratinga • Ijaci • Illicinea • Imbé de Minas • Ingaí • Inimutaba • Sec. Mun. de Cultura de Ipanema • Ipatinga • Ipuíuna • Itabira • Itabirito • Itacambira • Itacarambi • Itaguara • Itajubá • Itamarandiba • Itambacuri • Itambé do Mato Dentro • Itamonte • Itanhandu • Itaobim • Itatiaçu • Itaú de Minas • Itaúna • Itueta • Itumirim • Iturama • Jaboticatubas • Jacuí • Jaguarçu • Jampruca • Janaúba • Japaraíba • Jenipapo de Minas • Jequeri • Jequitibá • Jequitinhonha • Jesuânia • João Monlevade • João Pinheiro • Joaquim Felício • José Raydan • Josenópolis • Juatuba • Juramento • Lagamar • Sec. Mun. de Cultura de Lagoa da Prata • Lagoa dos Patos • Lagoa Dourada • Lagoa Formosa • Lagoa Santa • Lambari • Lassance • Lavras • Leandro Ferreira • Leopoldina • Lima Duarte • Sec. Mun. de Cultura de Limeira do Oeste • Lontra • Luminárias • Luz • Machacalis • Malacacheta • Manhumirim • Mar de Espanha • Maria da Fé • Mariana • Maripá • Mariéira • Marmelópolis • Materlândia • Matias Barbosa • Matozinhos • Mendes Pimentel • Mercês • Mesquita • Minduri • Moema • Monte Alegre de Minas • Monte Carmelo • Monte Formoso • Montes Claros • Montezuma • Morada • Nova de Minas • Mutum • Muzambinho • Natércia • Nazareno • Nepomuceno • Nova Era • Nova Lima • Nova Porteirinha • Nova Resende • Nova Serrana • Novo Cruzeiro • Novorizonte • Olaria • Olimpio Noronha • Oliveira • Oliveira Fortes • Onça do Pitangui • Ouro Branco • Ouro Preto • Pains • Papagaios • Pará de Minas • Paracatu • Paraopeba • Passa Quatro • Passa Vinte • Patos de Minas • Patrocínio • Paula Cândido • Paulistas • Pavão • Pedra do Anta • Pedra do Indaí • Pedralva • Pedro Leopoldo • Pedro Teixeira • Perdigão • Depto. Cultura e Turismo de Perdizes • Piau • Piedade de Caratinga • Sec. Mun. de Cultura (Piedade de Caratinga) • Piracema • Piranga • Piranguçu • Cons. do Patr. Hist. Cult. e Artístico de Piranguinho • Pirapora • Piraúba • Pitangui • Piumhi • Planura • Poços de Caldas • Ponte Nova • Porteirinha • Porto Firme • Poté • Pouso Alegre • Pouso Alto • Prados • Prata • Pratinha • Presidente Bernardes • Presidente Kubitschek • Prudente de Morais • Quartel Geral • Queluzito • Raposos • Raul Soares • Recreio • Resende Costa • Resplendor • Ressaquinha • Ribeirão das Neves • Rio Acima • Rio Casca • Rio Doce • Rio Novo • Rio Paraiba • Rio Piracicaba • Rio Preto • Rio Vermelho • Rochedo de Minas • Rodeiro • Sabará • Sabinópolis • Sacramento • Salinas • Santa Bárbara • Santa Bárbara do Monte Verde • Santa Bárbara do Tugúrio • Santa Cruz de Salinas • Santa Efigênia de Minas • Santa Fé de Minas • Santa Helena de Minas • Santa Juliana • Santa Luzia • Sec. Mun. de Cultura de Santa Margarida • Santa Maria do Suaçuí • Santa Rita de Minas • Santa Rita do Sapucaí • Santa Rosa da Serra • Sec. Mun. de Cultura de Santa Vitória • Santana do Jacaré • Santana do Manhuaçu • Santana do Riacho • Santana dos Montes • Santo Antônio do Aventureiro • Sec. Mun. de Cultura de Santo Antônio do Monte • Santos Dumont • S. Bento Abade • S. Brás do Suaçuí • S. Domingos do Prata • São Francisco • S. Francisco de Paula • S. Francisco de Glória • S. Geraldo • Sec. Mun. de Cultura de S. Geraldo do Baixio • S. Gonçalo do Abaeté • S. Gonçalo do Pará • S. Gonçalo do Rio Abaixo • S. João Batista do Glória • S. João del Rei • São João Evangelista • S. João Nepomuceno • S. Joaquim de Bicas • S. José da Varginha • S. José do Goiabal • S. José do Mantimento • S. Lourenço • S. Miguel do Anta • S. Sebastião do Oeste • S. Sebastião do Paraíso • S. Sebastião do Rio Preto • S. Thomás das Letras • S. Tiago • S. Vicente de Minas • Sarzedo • Sem Peixe • Senador Firmino • Sec. Mun. de Cultura Sen. Modestino Gonçalves • Senhora de Oliveira • Senhora do Porto • Senhora dos Remédios • Sericita • Seritinga • Serra da Saudade • Serro • Sete Lagoas • Silverânia • Silvianópolis • Sec. de Cultura de Simão Pereira • Simonésia • Soledade de Minas • Tabuleiro • Taiobeiras • Taparuba • Teófilo Ottoni • Tiradentes • Tocantins • Três Corações • Três Marias • Três Pontas • Ubá • Ubaporanga • Sec. Mun. de Cultura (Uberaba) • Cons. do Patr. Hist. e Art. de Uberaba • Uberlândia • Uberlândia • Unai • Uruana de Minas • Uruçania • Vargem Bonita • Várzea da Palma • Varzelândia • Pref. Veríssimo • Vermelho Novo • Vespasiano • Viçosa • Vieiras • Virgem da Lapa • Virgínia • Virgolândia • Volta Grande

**Instituições culturais:** Ass. Pé de Pinho (Alagoa) • Museu de Hist. e Ciênc. Naturais (Além Paraíba) • Cia. Mineira de Ballet Rosana Moterani (Alfenas) • Núcleo de Pesq. Arqueológicas do Alto Rio Grande (Andrelândia) • Fund. Aragarina de Educ. e Cultura • Bibl. Púb. Mun. Viriato Correia (Araxá) • Fund. Cult. Calmon Barreto (Araxá) • Fund. Mun. de Cultura de Barbacena • Fumec (BH) • Min. Púb. Estado de Minas Gerais • Memorial da Arquidiocese de BH • CL Ass. em Comunicação (BH) • Habitat Orquídeas (BH) • Ass. No Ato Cultura, Educ. e Meio Ambiente (BH) • Rede Catitu Cultural (BH) • Mércia Inês do Nascimento (BH) • Centro Cult. Pe. Eustáquio (BH) • Museu de Artes e Ofícios (BH) • Ass. Cult. dos Prof. do CREA/MG • Grupo Folc. Aruanda (BH) • Museu Capital da Moda Hist., Cultura e Identidade (BH) • Inst. de Estudos do Desenv. Sustentável (BH) • Inst. Cultural BDMG • Inst. Cultural Aletria (BH) • Fund. Art. Cultural de Betim • E.E. Nelson Fernandes Friça (Camacho) • E.E. Carlos Góis (Campos Gerais) • E.E. Dep. Patrus de Souza (Carandaí) • Ag. Preservar te (Caratinga) • Centro de Doc. Reg. Mário da Rocha e Silva (Caratinga) • E.E. Ver. Joaquim Borges da Costa (Careaçú) • Fund. Simão José Silva (Cataguases) • Ass. Com. Rádio Cidade (Claro das Poções) • Ass. dos Artesãos de Conceição da Barra de Minas • Faro Com. e Eventos (Divinópolis) • Inst. Gravatá (Divinópolis) • Grupo Teatral de Divisópolis • E.E. Dr. Zacarias (Dores do Indaí) • Niza Delácio D. Albuquerque (Carangola) • Igreja de S. João Batista (Galiléia) • Centro de Doc. Reg. Mário da Rocha e Silva (Governador Valadares) • Grupo Pró Guapé • E.E. N. Sra. Aparecida (Illicinea) • E.E. Prof. Manoel Soares (Itabira) • Bibl. Públ. Mun. Guimarães (Itaguara) • Inst. Cult. M<sup>o</sup> de Castro Nogueira (Itaguara) • E.E. Wenceslau Braz (Itajubá) • Ass. Art. Cultural e Pedag. "Maestro Nino Delicatti" (Itamogi) • E.E. de Itamogi • E.E. de Itaúna • Inst. Cult. M<sup>o</sup> de Castro Nogueira (Itaúna) • Ass. Cult. e Assist. Proj. Usina de Sonhos (Itaúna) • Fund. Cult. Ituiutaba • Ass. Amigos da Cultura da Reg. de Januária • Ateliê AldeiaMund (Jequitinhonha) • Inst. Cult. D. Mercedes (Jequitinhonha) • E.E. N. Sra. das Dores (Joaquim Felício) • E.E. Maria Elba Braga (Juiz de Fora) • Coro Mun. Juiz de Fora • Inst. Cult. do Samba (Juiz de Fora) • Fund. Cult. Alfredo Ferreira Lage (Juiz de Fora) • Ong Jacu da Roça (Luminárias) • E.E. Prof. Fábregas (Luminárias) • Casa de Cultura de Machado • Mus. da Música de Mariana • Empr. em Meio Ambiente e Histórico Culturais (Mariana) • Ass. de Des. Artes e Ofícios (Matozinhos) • Univ. Est. de Montes Claros • Ass. dos Amigos da Casa de Cult. do Sertão (Morro da Garça) • Centro Cultural Del Rey (Muriaé) • Bibl. Públ. Mun. Prof<sup>a</sup> M<sup>o</sup> Lúcia Ferreira Martins (Naque) • Arca AM SERRA (Nova Lima) • Olhar Contemporâneo (Nova Lima) • Amigos da Cultura (Nova União) • Proj. Colcha de Versos (Ouro Preto) • Esc. Mun. Tomás Antônio Gonzaga (Ouro Preto) • Clube das Mães Unidas Venceremos (Sto. Antônio do Leite) • Ass. Cult. Amigos de Cachoeira do Campo • Serra do Trovão Centro Cult. e Ecológico (Chapada) • Casa da Cultura D. Petita (Papagaios) • Fund. Conscienciarte (Paracatu) • Cia. Artística Bando de Sonhadores (Paraopeba) • Casa de Cult. Minervina Vieira da Silva (Peçanha) • Cia. de Teatro Chiquita Trupe (Perdões) • E.E. Miguel Abraão Silami (Ponte Nova) • Arq. do Conhec. Cláudio Manuel da Costa (Piranga) • E.E. Cel. Neca Lemos (Pratápolis) • Centro Cult. de Pratápolis • Sertões de Jacuí (Pratápolis) • Ass. Amigos da Cult. de Rio Acima • Ass. Artesãos de Rio Acima • Museu Hist. de Rio Pomba • ONG Vokumi (Rubim) • Parque Ecopedag. Quinta dos Cristais (Sabará) • Inst. Sabarense de Educ. e Cidadania (Sabará) • Ação Faça uma Família Sorrir - AFFAS (Sabará) • E.E. Prof. Domingos Ornelas (Santa Luzia) • Ass. Cult. Comunit. de Santa Luzia • Posto Est. de Educ. Continuada Santa Margarida • Casa de Cult. Antônio Carlos de Carvalho (Santo Antônio do Amparo) • E.E. Mariano Gomes (Sto. Antônio do Grama) • Esc. Mun. S. Domingos Sávio (Santo Antônio do Grama) • Fund. Jesse Pacheco (S. Brás do Suaçuí) • Esc. de Música de S. Brás do Suaçuí • Soc. de Amigos da Biblioteca (S. João del Rei) • Casa de Cult. Pedro Mattar Filho (S. Gonçalo do Sapucaí) • Centro de Cultura S. Francisco • E.E. Vitalino de Oliveira Ruela (S. João do Oriente) • Org. Casa de Miguel (Senhora dos Remédios) • Rafael M. de Miranda Junior (Serro) • Café com Cultura (Sete Lagoas) • Ass. de Apoio à Pesq. e Patr. do Mucuri (Teófilo Ottoni) • E.E. Basílio da Gama (Tiradentes) • E.E. Paulo José Deremisson (Uberaba) • Vovó Caximbó e Grupo Faz de Conta • Tecelagem Artes. de Unai • Casa da Mãe Jeane (Viçosa) • Núcleo de Políticas Públ. da Univ. Fed. de Viçosa.